

Consulta Psicológica na Orientação Escolar e Profissional em Escolas Secundárias da Região Norte

B. Campos, L. Imaginário, J. Castro, L. Gramaxo, A. Magalhães, F. Morais, M. J. Neves, J. Sanches, M. Serra, J. Silva, A. Sousa, I. Vilaça, L. Almeida, O. Gonçalves, M. Lemos, I. Soares *

Descreve-se a intervenção de psicólogos em catorze escolas secundárias da Região Norte. Referem-se sucessivamente os antecedentes institucionais da intervenção, o modelo de organização adoptado para o funcionamento do grupo de psicólogos que a conduziu no terreno, as populações (alunos, professores, pais) e os níveis de escolaridade (9.º ano do curso unificado e 10.º ano dos novos cursos profissionais e técnico-profissionais) abrangidos, os objectivos prosseguidos, as actividades realizadas, as estratégias utilizadas e o impacto da intervenção na comunidade escolar. Apresentam-se finalmente os resultados da avaliação da intervenção nos cursos profissionais e técnico-profissionais: intervenção considerada útil e indutora de satisfação, na opinião das escolas (conselhos directivos e professores responsáveis das turmas do ensino técnico-profissional), que sugerem a sua continuação, aprofundamento e diversificação, e que, junto dos alunos do ensino técnico-profissional foi acompanhada, nomeadamente, de aumentos significativos na quantidade da informação que declararam possuir sobre a profissão para que estão a preparar-se, de diminuição significativa no índice de externalidade do «locus de controlo» e nas atitudes dificultadoras no *Erikson Psychosocial Inventory Scale*.

Com o lançamento no ano lectivo de 1983/84, em regime de experiência pedagógica, do ensino técnico-profissional ⁽¹⁾ foi considerada a necessidade, pelo Ministério da Educação, do acompanhamento dos alunos das turmas piloto por parte de «especialistas de orientação escolar e profissional» que trabalhariam em estreita cooperação com os conselhos directivos e com os professores responsáveis das turmas experimentais daquele ensino ⁽²⁾.

Decidiu o Ministério recorrer aos Serviços de Orientação das Faculdades de Psicologia e de Ciências da Educa-

ção ⁽³⁾ para a organização e realização do referido acompanhamento e para o desenvolvimento de acções de orientação escolar e profissional junto de outros alunos dessas escolas, nomeadamente dos do 9.º ano de escolaridade. Na Região Norte esta intervenção esteve a cargo do Serviço de Consulta Psicológica e Orientação Vocacional da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e foi assegurada por psicólogos, trabalhando em média cada um em duas escolas.

Antes de iniciar a descrição do modo como se desenvolveu esta experiência de intervenção dos psicólogos nas 14 escolas da Região Norte onde funcionaram os novos cursos do ensino técnico-profissional deve ser referido o seu carácter exploratório. Procurou-se e procura-se adquirir cautelosamente uma perspectiva mais ampla acerca da configuração desejável e possível do

* Membros do Serviço de Consulta Psicológica e Orientação Vocacional da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Os dois primeiros autores coordenaram a experiência aqui relatada e os quatro últimos colaboraram na concepção da intervenção e no apoio individualizado aos restantes autores, os psicólogos que trabalharam nas escolas.

papel dos psicólogos enquanto profissionais da educação, da sua integração na comunidade escolar e do tecido das suas relações funcionais com os outros profissionais da educação, entre os quais avultam os professores.

Foram cuidadosamente ponderados um certo número de princípios organizativos. Assim, os psicólogos intervenientes reuniram-se semanalmente para planeamento de actividades, apoio mútuo e partilha de informações, reuniões estas que eram coordenadas por um elemento do Serviço que acompanhou ao longo de todo o ano o trabalho realizado. Assegurou-se também um sistema de supervisão por parte de docentes da Faculdade.

Perante a impraticabilidade de fazer um relato exaustivo das intervenções realizadas nas catorze escolas, optou-se por salientar os seus aspectos mais significativos, isto é: a entrada na escola; a intervenção junto dos cursos profissionais e técnico-profissionais; a intervenção junto do 9.º ano de escolaridade; outras intervenções; avaliação.

Entrada na Escola

Para o desenvolvimento desta intervenção revestiram-se de grande importância os contactos iniciais realizados com as escolas. É de notar que foi a primeira vez que as escolas oficiais tiveram a possibilidade de dispor com regularidade dos serviços de um psicólogo. Após terem sido previamente informados pela respectiva Direcção-Geral, todas as escolas foram formalmente contactadas pela Faculdade, tendo-lhes sido transmitido o nome do psicólogo, a data em que este iniciaria o seu trabalho e os dias em que lá permaneceria. A principal preocupação deste momento centrou-se no estabelecimento de contactos com os conselhos directivos e professores responsáveis pela experiência. Procurou-se lidar com cuidado as expectativas das escolas relativamente ao trabalho dos psicólogos. A maioria das escolas evidenciava uma atitude de disponibilidade, sem no entanto se pronunciar claramente acerca

do que esperava da intervenção. Os psicólogos foram também confrontados com expectativas segundo as quais as actividades a realizar se deveriam centrar na selecção dos alunos mais capazes para o curso, na avaliação da experiência como «inspectores» do Ministério da Educação e finalmente, de um outro ponto de vista, com a aparente incredulidade da necessidade de orientação para os alunos que já tinham realizado uma escolha. Daí a necessidade que houve de clarificar os objectivos essenciais do trabalho que nos propunhamos desenvolver.

Nesse momento, assim como ao longo do ano lectivo, apelou-se para a colaboração dos professores no sentido de obter sugestões para possíveis actividades a realizar pelo psicólogo e outras a levar a cabo conjuntamente; foi também manifestado o desejo de participar nas reuniões regulares dos professores dos cursos técnico-profissional e profissional. Esta colaboração contribuiu para o processo de definição do papel do psicólogo no contexto escolar.

Providenciou-se desde o início no sentido de assegurar horários regulares para as diferentes intervenções e sempre que possível o necessário espaço físico, o que colocou diversos problemas às diferentes escolas. Quanto ao estabelecimento dos horários, as dificuldades surgiram como consequência da carga horária dos cursos, da divisão do tempo do psicólogo por duas escolas e, sobretudo, do facto da chegada dos psicólogos à escola ter sido posterior à elaboração dos horários. Quanto ao espaço físico necessário, escolas houve, sobretudo as de construção mais recente, onde foi possível assegurar com uma certa facilidade condições de trabalho óptimas. Noutras só com muito esforço, quer da escola quer dos psicólogos, se tornou exequível a implementação das actividades planeadas, havendo muitas vezes a necessidade de ocupar espaços menos adequados. Na generalidade, porém, ultrapassaram-se as dificuldades e foi possível o desenvolvimento da intervenção.

Por outro lado, toda esta movimentação dos psicólogos facilitou a divulgação das suas actividades na comunidade escolar. Aliás, também de um modo formal, se procurou dar conhecimento à escola da disponibilidade dos psicólogos para atendimentos individuais a alunos e professores (afixação de um horário na sala dos professores, reuniões com os directores de turma...).

Intervenção junto dos Cursos Profissionais e Técnico-Profissionais

Clarificada nas suas linhas gerais a forma como a equipa de psicólogos envolvida na experiência na Região Norte chegou às escolas, assim como o pedido de intervenção formulado pelo Ministério, cabe agora referir o conteúdo da intervenção junto do 10.º ano, vias profissional e técnico-profissional.

Diferenciação de programas

Desde logo foi sentida a necessidade de diferenciar os programas de intervenção quer em termos de objectivos a atingir quer em termos de estratégias a utilizar, apesar do trabalho a desenvolver em ambas as vias incidir na ajuda ao aprofundamento da escolha realizada e à sua implementação. Os aspectos que consideramos específicos em cada uma delas dizem respeito:

- * ao tempo de duração da formação: os alunos dos cursos profissionais, depois de um ano de formação escolar, iniciarão um estágio que os conduzirá a curto prazo à inserção no mercado de trabalho, enquanto os alunos do técnico-profissional se encontram no primeiro de um ciclo de estudos de três anos;
- * aos diferentes pedidos de ajuda formulados pelos grupos;
- * às características sócio-culturais das populações;
- * às expectativas e níveis de aspiração dos alunos face à formação.

Fácil será compreender que, dado o carácter inovador da experiência, as características específicas de cada con-

texto populacional e o processo em curso de definição do papel do psicólogo, se tornou indispensável uma construção progressiva dos programas, o que resultou em intervenções diferenciadas nos diversos grupos.

A intervenção junto dos alunos realizou-se essencialmente através de sessões de grupo e desenrolou-se ao longo do ano lectivo, ocupando na maioria das escolas dois tempos semanais consecutivos. Embora as sessões não tivessem um cariz obrigatório, foi discutida com os alunos a sua utilidade e negociada de modo informal a sua participação.

Momentos de intervenção e respectivas finalidades

Os programas foram estruturados em grandes momentos, em que foram trabalhados conjuntos de objectivos. Convém salientar, no entanto, que, apesar da preponderância de certos objectivos em cada momento, não foram trabalhados de forma estanque, dada a dinâmica, integração e sobreposição do próprio movimento da sua prossecução.

O programa da intervenção realizada nos cursos profissionais compreendeu os três momentos a seguir discriminados:

- a) — 1.º momento (com especial incidência no início do ano lectivo): estabelecimento e desenvolvimento das relações intragrupo e diagnóstico de necessidades;
- b) — 2.º momento (com especial incidência no meio do ano lectivo): promoção da eficácia no desempenho das tarefas de formação inerentes ao papel de aluno;
- c) — 3.º momento (com especial incidência no 3.º trimestre): promoção e desenvolvimento de comportamentos e atitudes que facilitem a inserção no mundo do trabalho.

Nos cursos técnico-profissionais teve-se ainda em conta a promoção do desenvolvimento pessoal e interpessoal.

Objectivos da intervenção

Os referidos momentos da intervenção constituíram, em ambas as vias, os elementos estruturadores dos objectivos a seguir identificados:

- * promover o conhecimento mútuo dos membros do grupo (alunos e psicólogo), para criar condições facilitadoras da sua participação;
- * auscultar motivos de inscrição no curso, expectativas face ao mesmo e ao trabalho a desenvolver nas sessões;
- * problematizar o itinerário pessoal e vocacional percorrido até ao momento actual e a sua relação com projectos futuros;
- * explorar o sistema de ensino, relacionando o nível de formação que frequentam com níveis subsequentes;
- * fomentar o espírito e trabalho de grupo de modo a desenvolver o relacionamento interpessoal;
- * explorar as representações profissionais no âmbito do curso;
- * analisar e partilhar o modo como cada elemento do grupo percebe os companheiros, com vista a evitar o desenvolvimento de conflitos latentes;
- * explorar e confrontar os jovens com a imagem de si próprios;
- * explorar as possíveis relações existentes entre a imagem de si próprios, o tipo de formação em que estão inseridos e profissões a exercer futuramente;
- * responsabilizar os alunos pela sua formação;
- * explorar o papel de aluno e suas interações com outros papéis no contexto escolar;
- * trabalhar a interação, sequência e diferenciação existente entre os diversos papéis que o indivíduo desempenha ao longo do seu itinerário vocacional;
- * ajudar os alunos a identificar dificuldades sentidas no contexto escolar (dificuldades ao nível de aprendizagem, de interrelação com os outros, de adaptação),

tematizá-las, problematizá-las e procurar estratégias para as ultrapassar;

- * fomentar o desenvolvimento de competências de estudo:
 - * exercitar competências cognitivas; identificar e discutir formas de lidar de modo mais eficaz com factores ocasionais que interferem na progressão da aprendizagem, tendo em conta uma dinâmica própria; promover comportamentos e atitudes a ter em conta na sala de aula e nas horas de estudo;
 - * ajudar os alunos a planear e estruturar o tempo de modo a concretizarem de forma mais eficaz as diferentes tarefas nos vários contextos existenciais;
 - * trabalhar as expectativas de sucesso e as suas implicações na realização e satisfação escolares;
 - * explorar a complementaridade entre profissões;
 - * articular qualificação profissional, obtenção de emprego, progressão numa carreira;
 - * tomar conhecimento dos diferentes contextos organizacionais (respectivas condições de exercício) e institucionais (associações profissionais) das profissões;
 - * inserir a profissão na carreira profissional e evidenciar as suas consequências em termos de estilo de vida (interdependência das decisões em diversos domínios da existência);
 - * desenvolver competências de procura, recolha e tratamento da informação;
 - * aprofundar o conhecimento das tarefas inerentes ao domínio profissional para que se estão a preparar;
 - * desencadear comportamentos, atitudes e competências com vista a facilitar a maximização das potencialidades inerentes à situação de estágio, e consequentes níveis de formação profissional;

- * reflectir com os alunos sobre o modo como as suas expectativas de sucesso face ao estágio o ajudarão a uma realização mais eficaz das tarefas inerentes ao mesmo e consequente satisfação;
- * ajudar os alunos a aperceber-se da contribuição da situação de estágio na construção de uma futura identidade a nível de satisfação e aquisição de competências profissionais.

Actividades junto dos alunos para prossecução dos objectivos

Quanto às actividades que permitiram a implementação dos objectivos atrás mencionados, importa salientar o modo como as mesmas foram programadas e realizadas. Quando não surgiram de sugestões do grupo, houve o cuidado de apresentar as actividades em termos de propostas, o que deu lugar na maioria das situações a uma co-decisão (psicólogo-alunos) acerca das modalidades concretas da sua realização. Aliás, o psicólogo procurou estar sempre munido de hipóteses de acção alternativa.

No planeamento das actividades existiu a preocupação constante de que se revestissem de um carácter integrante, quer ao nível dos objectivos a atingir quer ao nível do maior envolvimento possível de elementos da comunidade escolar. Por outro lado, em cada uma das sessões, procurou-se assegurar dois tempos: um para a realização das actividades, outro para a reflexão/análise do que tinha ocorrido e da sua repercussão diferencial nos alunos; algumas actividades, por exemplo as visitas de estudo, incluíram ainda um tempo anterior a estas, no qual era preparada no grupo a próxima realização da actividade.

As actividades a seguir identificadas têm um carácter meramente ilustrativo das muitas que foram levadas a cabo e reflectem, pensamos, a especificidade do trabalho desenvolvido (importará notar, ainda, que muitas actividades permitiram trabalhar vários dos objectivos antes mencionados):

- * simulação de entrevistas de selecção
- * elaboração de grelhas para visitas de estudo
- * entrevistas a profissionais
- * dramatizações que envolveram desempenho de papéis aluno/professor, trabalhador/empregador
- * discussão dos pontos a ter em consideração aquando da preparação e elaboração de um relatório
- * exercitação de técnicas de estudo
- * organização do tempo
- * trabalho em equipa
- * treino de competências assertivas de relacionamento.

Além das actividades realizadas nas sessões ou nelas preparadas e analisadas, os psicólogos receberam em consulta individual alguns alunos; saliente-se, no entanto, que esta possibilidade não foi muito procurada por eles.

Actividades com professores, pais e comunidade

Relativamente aos professores, as relações de trabalho foram estabelecidas sobretudo com o professor responsável por cada turma e com o professor das oficinas. A cooperação estabelecida traduziu-se na troca de informações e organização conjunta de actividades, visitas de estudo, por exemplo.

Os psicólogos participaram, ainda, quando informados e as suas disponibilidades o permitiam, nas reuniões dos professores de cada turma, tendo além disso sido solicitados para trabalhar individualmente com alguns deles. Nas reuniões, os psicólogos procuraram:

- * ajudar na clarificação da comunicação;
- * colaborar na troca de opiniões acerca de técnicas e métodos psicopedagógicos;
- * participar no diálogo sobre cada aluno, numa tentativa de contribuir para a individualização da aprendizagem;

- * fomentar nos professores comportamentos e atitudes facilitadoras do trabalho desenvolvido com os alunos;
- * inteirar-se dos pedidos vindos dos professores relativos aos alunos.

As diversas ocasiões de colaboração com os professores permitiram favorecer o trabalho de equipa dos diferentes profissionais da educação, bem como divulgar e clarificar o papel e as funções do psicólogo na escola.

O contacto com os pais e encarregados de educação foi apenas episódico. Para este facto contribuíram factores como:

- * a sua dispersão geográfica;
- * as conhecidas dificuldades em trazê-los à escola;
- * grande parte dos alunos sobretudo nos cursos profissionais, ter atingido já a maioridade.

No entanto, os psicólogos informaram sucintamente os pais do seu trabalho e deram a conhecer a sua disponibilidade para os atenderem.

Uma forma do trabalho de apoio dos psicólogos nas escolas que, sobretudo nalgumas delas, se revelou particularmente útil, consistiu na ligação com a comunidade, com pessoas, organizações e instituições significativas da mesma. Procurou-se nomeadamente contribuir para a permeabilidade entre a escola e o mundo do trabalho. Foram particularmente relevantes as acções com profissionais, empresas e suas associações, centros de emprego e centros de formação profissional. Organizaram-se em quase todos os cursos (com mais incidência nos profissionais) visitas de estudo a locais de trabalho.

Tentaram-se mobilizar, sempre que possível, os recursos e organismos locais para darem a conhecer à comunidade regional as características dos cursos, os meios de formação e capacidades desenvolvidas, procurando-se que a escola e a comunidade aprofundassem as relações entre si. Assim, avultou já este ano o trabalho realizado na perspectiva de identificação de poten-

ciais locais de estágio para os alunos dos cursos profissionais e de sensibilização da comunidade ao acolhimento do estagiário e a sua promoção como futuro profissional.

Intervenção junto do 9.º ano de escolaridade

Intervenção de sensibilização para todos os alunos

As actividades de consulta psicológica de orientação escolar e profissional proporcionadas aos alunos do 9.º ano de escolaridade compreenderam dois tipos de intervenção: uma que abrangeu todos os alunos e outra, posterior, dirigida apenas aos alunos que voluntariamente o desejaram.

A decisão de proporcionar a todos os alunos do 9.º ano de escolaridade a possibilidade de participarem em actividades sistemáticas de orientação escolar e profissional foi tomada em função da necessidade sentida de sensibilizar toda a população do 9.º ano para o problema da orientação, alertá-la para as escolhas impostas pelo sistema educativo no termo do curso unificado e ajudá-la a equacionar as diferentes componentes da tomada de decisão. Além disso, caso se verificasse um número elevado de inscrições voluntárias não haveria possibilidade de atender todos os inscritos num programa mais longo.

Foram formuladas duas hipóteses possíveis para a concretização deste primeiro tipo de intervenção:

- * uma consistiria na produção e organização de uma exposição sobre o mundo escolar e profissional pelo conjunto dos alunos do 9.º ano de escolaridade e na exploração consequente de tal exposição em cada turma; esta hipótese pressupunha um grande envolvimento da comunidade escolar;
- * a outra consistiria na implementação de um programa de intervenção em quatro sessões de 50 minutos, no horário lectivo,

distribuídas de modo a ocupar, na medida do possível, tempos de disciplinas diferentes.

Estas duas hipóteses foram postas à consideração, discutidas e negociadas tanto com o conselho directivo como com os directores de turma e grupos de professores, de modo a analisar qual delas teria maior exequibilidade em função das características de cada comunidade escolar. Só em duas escolas se concretizou a exposição. Numa delas, a referida exposição contou com a colaboração de alguns professores e foi integrada num ciclo de actividades levadas a cabo no fim do ano lectivo. Na outra, a exposição foi organizada pelos alunos e psicólogo, sendo posteriormente aberta à comunidade escolar.

Nas restantes escolas optou-se pela outra hipótese de intervenção, isto é, quatro sessões no horário lectivo (4). Estas sessões estruturaram-se à volta dos seguintes temas:

- 1.ª sessão — as minhas possibilidades; o que sou; pelo que me interessa; o que é importante para mim; do que sou capaz;
- 2.ª sessão — as minhas oportunidades; o trabalho; a carreira; diferenças e semelhanças entre profissões;
- 3.ª sessão — as minhas oportunidades, a diversidade dos meios de formação;
- 4.ª sessão — como decidir tendo em conta todos os aspectos anteriores.

Em cada sessão a turma foi dividida em pequenos grupos que realizaram actividades orientadas pelo psicólogo. Os resultados de cada grupo eram comunicados pelos seus porta-vozes e depois discutidos pela totalidade dos alunos. Sempre que possível, esses resultados eram registados pelo psicólogo num quadro síntese para facilitar posterior discussão.

Nas 9 escolas onde se realizou esta sensibilização abrangeu 82 turmas no total de 2039 alunos.

Intervenção de grupo para alunos voluntariamente inscritos

Após este primeiro tipo de intervenção foram abertas inscrições para os alunos que pretendiam aprofundar a problemática referente à escolha escolar e profissional. Os alunos inscritos foram divididos em grupos de oito a dez elementos. Cada grupo teve 6 a 8 sessões de trabalho semanais. O horário foi elaborado em função das disponibilidades dos alunos e dos espaços existentes na escola, o que em alguns casos levantou certas dificuldades, que nem sempre se puderam superar.

Com o objectivo de aprofundar os temas já trabalhados e individualizar tanto quanto possível a intervenção, a equipa organizou um banco de actividades que possibilitou a cada um dos psicólogos adaptar a cada grupo os programas elaborados. Essas actividades visavam, entre outros objectivos:

- * a promoção de competências de procura, selecção e recolha de informação sobre o mundo escolar e profissional;
- * a iniciação dos alunos no processo de tomada de decisão;
- * a exploração das representações que os alunos têm dos seus interesses e capacidades;
- * a promoção da definição do projecto vocacional de cada um, bem como a discussão da intenção de escolha.

Como já foi dito, existiu sempre a preocupação de individualizar a intervenção, com uma acentuação progressiva da primeira à última sessão, na qual se procurou que cada um dos alunos fizesse a legitimação da sua posição relativamente à escolha a realizar no final do ano. No Quadro I encontram-se as frequências deste tipo de intervenção.

Como complemento desta intervenção, foi dada a possibilidade a quem o

desejasse de ser atendido individualmente.

Procurou-se também informar e obter sempre que possível a cooperação dos professores, nomeadamente directores de turma, e dos pais/encarregados de educação dos alunos. A estes comunicou-se a participação dos filhos/educandos nas acções de orientação e e solicitou-se-lhes autorização expressa para frequentarem estas sessões. Em algumas escolas o psicólogo participou em reuniões de pais/encarregados de educação promovidas pelos directores de turma. Aconteceram ainda casos de atendimento individual de pais.

Outras intervenções

A presença do psicólogo nas escolas foi também aproveitada por professores e alunos de outros anos de escolaridade além do 9.º e do 10.º técnico-profissional e profissional.

Vindos de alunos, surgiram pedidos relativos a:

- * orientação vocacional (10.º, 11.º e 12.º anos)
- * insucesso escolar
- * problemas disciplinares
- * problemas da adolescência

Em alguns casos, o atendimento envolveu também trabalho conjunto com pais e professores.

Dos professores surgiram pedidos de:

- * apoio à profissionalização em exercício
- * apoio na formação
- * consultadoria relativa a alunos
- * ajuda na resolução de problemas pessoais

Procurou-se, dentro das possibilidades existentes, dar resposta a todos os pedidos para os quais os psicólogos possuíam competências, e encaminhar os restantes casos para os organismos e profissionais apropriados.

Avaliação da intervenção

A multiplicidade dos efeitos provocados pelas intervenções realizadas no

contexto escolar, sobretudo as revestidas de carácter de experiência pedagógica, justificam sempre a sua avaliação o mais cuidada possível. Neste sentido, decidiu-se promover ao longo do ano lectivo a avaliação do trabalho dos psicólogos nas 14 escolas da Região Norte onde foi lançado o Ensino Técnico-Profissional. Pretendeu-se fundamentalmente recolher dados que pudessem contribuir para avaliar a consistência da intervenção realizada e cuja reflexão possibilitasse a implementação em melhores condições do trabalho futuro. Daí que todos os momentos da avaliação tenham sido organizados e desenvolvidos pela equipa que procedeu à intervenção, recorrendo a um diversificado conjunto de métodos e instrumentos.

Efectuou-se o levantamento de índices qualitativos e a recolha de dados quantitativos obtidos com a passagem, em dois momentos (no início e final do ano lectivo), de instrumentos de medida junto das turmas experimentais do 10.º ano. Utilizaram-se três instrumentos que nos pareceram corresponder a objectivos do trabalho desenvolvido: um Questionário de Informação Profissional composto por ítems extraídos do C.D.I. (5), a Escala de Locus de Controlo de Rotter, e um Inventário do Desenvolvimento da Personalidade (6).

Avaliação qualitativa

Os elementos qualitativos recolhidos, permitem-nos salientar alguns índices:

- a) a elevada percentagem de participação dos alunos dos cursos profissionais e técnico-profissionais nas actividades realizadas pelo psicólogo ao longo do ano lectivo: registou-se uma média de presenças de onze alunos em quinze, que terá de ser considerada como significativa, sobretudo se se tiver em conta o carácter voluntário e extra-curricular das actividades, a sobrecarga horária das turmas e as dificuldades muitas vezes experimentadas na utilização de espaços físicos fixos em algumas escolas;

População abrangida pela intervenção de grupo para alunos voluntariamente inscritos

QUADRO I

ESCOLA SECUNDARIA	ALUNOS	POPULAÇÃO DO 9.º ano				
		INSCRITOS	INICIARAM AS ACTIVIDADES	DESISTIRAM DURANTE A INTERVENÇÃO	CONCLUIRAM AS SESSOES	
Amarante	124	32	22	5	17	
Sé — Bragança	270	103	83	26	57	
N.º 1 — Matosinhos	376	76	72	6	66	
Carvalhais — Mirandela	62	32	23	13	10	
Soares dos Reis — Porto	130	12	12	0	12	
Conde S. Bento — Santo Tirso	12	—	—	—	—	
N.º 1 — V. N. Gaia	320	49	48	10	33	
S. Pedro — Villa Real	274	44	38	6	32	
N.º 1 — V. N. Fomalgo	200	55	42	14	28	
Francisco de Holanda — Guimarães	283	36	30	0	30	
Fonfes Pereira de Melo — Porto	67	48	45	9	36	
Infante D. Henrique — Porto	174	110	104	24	80	
Totais	2.292	597	519	113	406	
%		26%	87%	22%	78%	

- b) o amplo leque de pedidos de intervenção surgidos fora das áreas inicialmente definidas para a intervenção do psicólogo — este aspecto, afigura-se um bom indicador quer da integração do psicólogo no seio da comunidade escolar quer das necessidades desta em termos de intervenção psicológica;
- c) as opiniões manifestadas pelas escolas, quer oralmente, em reuniões conjuntas, quer por escrito, através de um questionário enviado pelo Serviço aos conselhos directivos e aos professores responsáveis pelo ensino técnico profissional⁽¹⁾.

Tais opiniões podem ser divididas em 3 grandes áreas:

— *grau de satisfação* — todas as indicações recolhidas referem uma elevada satisfação com o trabalho realizado pelos psicólogos, salientando o empenhamento, colaboração e bom relacionamento estabelecido com a escola e com a comunidade envolvente;

— *utilidade* — foi salientada por todas as escolas a importância do trabalho desenvolvido pelo psicólogo junto do 10.º ano (sentido de grupo, motivação para o cargo, inserção dos alunos na comunidade), do 9.º ano (ajuda na escolha a efectuar no final do ano lectivo) e ainda de outros elementos da comunidade escolar;

— *sugestões para o próximo ano lectivo* — este foi o aspecto predomi-

nantemente referido e, inclusive, quanto à continuidade do trabalho do psicólogo, ao alargamento do âmbito da intervenção, ao trabalho a tempo integral numa só escola, ao alargamento do trabalho de colaboração, nomeadamente ao nível das reuniões de turma, à criação na escola de um espaço físico fixo a ocupar pelo psicólogo, à orientação vocacional ao longo de toda a escolaridade, predominantemente no 7.º, 8.º e 9.º anos, às sessões prévias de informação para os candidatos aos cursos do ensino técnico-profissional.

Avaliação quantitativa

No Questionário de Informação Profissional verificou-se um aumento significativo na quantidade da informação que os alunos declararam possuir sobre a profissão para que estão a preparar-se e nos comportamentos de procura de informação junto do psicólogo (Quadro II).

Na Escala de Rotter verificou-se uma diminuição significativa no índice de externalidade (Quadro III).

No EPSI verificou-se uma diminuição geral das atitudes dificultadoras em todas as dimensões; relativamente às atitudes facilitadoras observou-se um aumento na capacidade de realização e na intimidade e uma diminuição na autonomia (Quadro IV).

QUADRO II

Questionário de Informação Profissional. (Resultados no início e no final do ano).

n=113	M	M	D.P.	D.P.	R	Nível de
Questões	Pré	Pós	Pré	Pós		significância
1 a 7	19.92	22.8	2.15	2.88	+0.64	p<0,1
10						
13	6.71	6.71	0.99	1.03	+0.73	não significativo
14						
11	2.22	2.60	0.59	0.53	+0.36	p<0,1

Questões 1 a 7: quantidade de informação que os alunos declararam possuir sobre a profissão.

Questões 10-13-14: comportamentos de procura de informação junto de professores, profissionais e documentos.

Questão 11: comportamentos de procura de informação junto do psicólogo.

QUADRO III

Escala de Rotter. (Resultados no início e no final do ano na externalidade).

n=97	M	M	D.P.	D.P.	R	Nível de
	Pré	Pós	Pré	Pós		significância
	10.97	10.27	1.64	1.39	+0.86	p<0,1

QUADRO IV

EPSI — Resultados nas atitudes facilitadoras e dificultadoras no início e no fim do ano.

n=95	M	M	D.P.	D.P.	R	Nível de
	Pré	Pós	Pré	Pós		significância
ATTITUDES FACILITADORAS						
Confiança	21.15	21.35	1.77	1.25	+0.83	não significativo
Autonomia	24.82	23.92	1.71	1.53	+0.79	p<0,1
Iniciativa	22.11	22.49	2.77	1.23	+0.31	não significativo
Capacidade de realização	21.66	22.15	2.20	1.92	+0.95	p<0,1
Identidade	24.34	24	1.20	1.60	+0.64	não significativo
Intimidade	21.25	21.76	1.78	1.68	+0.39	p<0,5
ATTITUDES DIFICULTADORAS						
Confiança	17.34	16.39	0.91	1.36	+0.69	p<0,1
Autonomia	12.15	11.59	1.39	1.79	+0.69	p<0,1
Iniciativa	13.78	13.3	1.69	1.24	+0.74	p<0,1
Capacidade de realização	14.23	14.04	1.81	1.26	+0.24	não significativo
Identidade	14.01	13.25	1.77	1.50	+0.61	p<0,1
Intimidade	15.76	15.13	1.35	1.32	+0.33	p<0,1

Notas

(1) Despacho Normativo n.º 194-A/ME/83, de 19 de Outubro, *Diário da República*, I Série, 21 de Outubro de 1983 (Suplemento).

(2) Cf. art.º 40.º daquele Despacho.

(3) Despacho n.º 129/ME/83, de 14 de Novembro, *Diário da República*, II Série, n.º 277, 2 de Dezembro de 1983 (Suplemento).

(4) Este tipo de intervenção não se verificou em 3 escolas dado o número de alunos permitir o seu atendimento mesmo que todos se inscrevessem. Na E.S. S. Bento, em Santo Tirso, os alunos (12) foram todos atendidos individualmente.

(5) *Career Development Inventory (School Form)*, Donald S. Super e col., 1979.

(6) Erikson Psychosocial Stage Inventory (EPSI); D. Rosenthal, R. M. Gurney e S. Moore, From Trust to Intimacy: A New Inventory for Examining Erikson's Stages of Psychosocial Development. *Journal of Youth and Adolescence*, vol. 10, n.º 6, 1981, 525-537.

(7) Responderam 9 dos 14 conselhos directivos e 8 dos 14 professores responsáveis.

Résumé

Les auteurs décrivent une intervention de psychologues dans quatorze écoles secondaires du Nord du Portugal. Ils font successivement référence au modèle d'organisation adopté pour le fonctionnement du groupe de psychologues qui l'ont réalisée, aux populations touchées (élèves, enseignants, parents), aux niveaux de scolarité couverts (9ème année de scolarité de l'enseignement unifié et 10ème des cours techniques et professionnels), aux objectifs poursuivis, aux activités réalisées, aux stratégies utilisées et à l'impact de l'intervention au sein de la communauté scolaire. Les résultats de l'évaluation de cette intervention auprès des cours techniques et professionnels, est ensuite présentée. L'intervention est considérée utile et engendre la satisfaction de la direction des écoles et des enseignants responsables des classes; ceux-ci suggèrent sa continuation, son approfondissement et sa diversification. Auprès des élèves on a constaté un accroissement significatif de la quantité d'information qu'ils déclarent posséder au sujet de la profession pour laquelle ils se préparent, ainsi qu'une diminution significative de leur indice d'externalité.

(Locus de controle de Rotter) et des attitudes négatives mesurées par l'«Erikson Psychosocial Inventory Scale».

Abstract

This article describes an intervention carried out by psychologists in fourteen high

school in the north of the country. The target population, the goals pursued and the activities accomplished are referred. The evaluation of the intervention near students from the newly implemented vocational education courses consisted of a questionnaire to teachers and of some scales to students (pre-posttest design).